

Vida comunitária e laços de sociabilidade: Dona Santa em perspectiva

É nesse baque que eu vou, é nesse baque meu amor, mulher guerreira tocando tambor.¹

Filha de pai africano, neta de escravo e sobrinha de Manoel Santiago, fundador do Maracatu Elefante, nascia em 25 de março de 1877, no bairro da Boa Vista, no Recife, Maria Júlia do Nascimento, a Dona Santa.

Foi narrada e apresentada em algumas matérias jornalísticas como “autêntica filha de africanos”, criando-se a idéia de legitimar seu reinado através de uma descendência real.

Segundo Lima², sendo Dona Santa “herdeira” dos sobas³ africanos, já que a rainha era o “símbolo mais visível da realeza, contribuía para a construção de uma identidade coletiva, segundo a qual a comunidade se via como coerente e solidária, mesmo que apenas idealmente.”⁴ Era confundida ora como figura histórica e ora como personagem mítica, “que nos momentos rituais devia imitar os gestos do herói-fundador e modelar o mundo conforme seus exemplos.”⁵ Dessa maneira, não havia alguém que tivesse condições de dar continuidade para o reinado no Maracatu Elefante, entende-se que se torna óbvia a compreensão dos motivos que a levaram a desejar o encerramento das atividades do maracatu após a sua morte, conforme relatam alguns jornais da época, a partir da versão de um dirigente da Federação Carnavalesca Pernambucana, que se dizia procurador da rainha do Elefante.

¹ Loas do Baque Mulher, “Bate o tambor ó negra”. Nação fundada e comandada desde 2008 por mestre Joana D’Arc, composta somente por mulheres que cantam, dançam e tocam loas próprias. Localizado em região periférica de Recife, essa nação expressa a luta e a resistência pelos direitos das mulheres. Disponível em: <http://baquemulher.com.br/index.php/loas/>, acesso dia 01/08/2017.

² Ver em: Tempo e instituições. Lógicas não-ocidentais em alguns maracatus-nação. Ivaldo Marciano de França Lima. Revista Eletrônica, ano I, nº1, jun-dez 2005. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/7/5>

³Nome dado aos chefes das aldeias em Angola. Segundo Marina de Mello e Souza, um soba é um mediador entre o homem e a divindade, que ele representa. Ele é ao mesmo tempo um indivíduo e uma instituição, ele mesmo é o chefe mítico. Ver mais em: MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

⁴MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 330.

⁵MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 331.

Ainda jovem, pertenceu ao Maracatu Leão Coroado e lá foi coroada como rainha em substituição à soberana que já estava com idade avançada.

Do Leão Coroado, também fazia parte João Vitorino, com quem Dona Santa se casou. Entretanto, tempos depois, Vitorino foi escolhido para a soberania do Maracatu Elefante e Dona Santa transferiu-se juntamente com o marido, abdicando do cargo de rainha do Leão Coroado.

João Vitorino faleceu em 1928. Dona Santa continuou no comando do maracatu Elefante, mas somente em 27 de fevereiro de 1947 foi coroada rainha da nação Elefante, numa segunda-feira de carnaval. Segundo Guerra Peixe, dos antigos Maracatus subsistentes no Recife, o Elefante é o que melhor atenta às tradições do cortejo.⁶

Após sua coroação como rainha da nação Elefante, encontrou espaços na sociedade para legitimar as práticas maracatuzeiras e ganhou destaque na cena recifense, principalmente nos diálogos com prefeitos⁷, e nacional, através de participação em filmes, como *O Canto do Mar*⁸, de Alberto Cavalcanti. Isabel Guillen, pesquisadora dos maracatus, afirma que Dona Santa começaria a exercer um papel de “mediadora cultural”, aquela que permeia entre os diferentes meios da sociedade: desde terreiros, maracatus, comunidades, até imprensa, políticos e pesquisadores.

Participou também da Troça carnavalesca *Verdureira e Miçangueira* e ajudou a fundar a *Troça Carnavalesca Mista Rei dos Ciganos*, que se transformou depois no *Maracatu Porto Rico do Oriente*.⁹

⁶GUERRA PEIXE, César. *Maracatus do Recife*, São Paulo: Irmãos Vitale, 1981.

⁷Algumas matérias podem ser encontradas no *Jornal Diário de Pernambuco*, principalmente entre os anos de 1960 e 1962, por exemplo, em 04-02-1962 (pequena nota sobre possível doação de casa para Dona Santa). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁸Dona Santa e seu maracatu aparecem em algumas pequenas cenas. O filme está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BzZEhdhvQxo>, acesso dia 04/04/2017.

⁹Para mais informações sobre a vida de Dona Santa, ver em: BRITO, Ronaldo Correia de. A rainha sem coroa. *Continente Multicultural*, Recife, ano 3, n. 26, p. 76-77, fev. 2003; Dona Santa, Rainha do Maracatu Elefante. In: *O Museu do Homem do Nordeste*. São Paulo: Banco Safra, 2000. p. Foto (neste texto) de Lula Cardoso Ayres, entre os anos de 1935 e 1940. Recife, Pernambuco (23x16cm); OLIVEIRA, Gilka Corrêa de; SILVA, Maria Regina Martins Batista e. *Exposição centenário de Dona Santa*. Recife: IJNPS, 1977; SILVA, Maria Regina M. Batista e. *Dona Santa: rainha do Elefante*. Recife: Fundaj, Inpso, Centro de Estudos Folclóricos, 1976. (Folclore, 2).

A partir da presença de Dona Santa, o Elefante e outras nações de maracatus ganham destaque e visibilidade e estimulam estudos. A partir, sobretudo, de Guerra Peixe em *Maracatus do Recife*, Katarina Real em *O folclore no carnaval do Recife* e Roberto Benjamin em *Folguedos e danças de Pernambuco*, a rainha foi considerada como símbolo máximo da cultura negra de Pernambuco e apresentada como um verdadeiro mito legitimador entre os maracatuzeiros.

Nesse caso, deve-se pensar além de representações estereotipadas, as quais encaixavam e continuam encaixando diversas mulheres dos maracatus, das congadas, dos afoxés em categorias, como “as mais tradicionais”, ou a grande ialorixá, ou a mãe preta ou a grande representante do sexo feminino, excluindo possibilidades múltiplas de denominação, se é que há essa busca por parte dessas mulheres. Segundo Bairros,

[...] há duas versões do pensamento feminista que explicitamente tentam definir a mulher com base em experiências tidas como universais. A primeira coloca a maternidade como a experiência central na identidade das mulheres. Ao responder porque constituímos um grupo diferente coloca em destaque valores ligados à prática das mães: altruísmo, carinho e cuidado com os interesses do outro. A ênfase num aspecto compartilhado apenas em caráter biológico como parte integral da identidade feminina reforça noções patriarcais do que é tradicional ou naturalmente feminino apenas atribuindo a estas características um valor superior aquelas geralmente associadas ao homem[...] A segunda toma a sexualidade entendida como forma de poder que transforma a mulher em objeto sexual do homem como a experiência capaz de unificar todas as mulheres. Dessa perspectiva a mulher tende a ser interpretada como vítima de um poder definido como intrinsecamente masculino.¹⁰

Para entender como aconteceu essa construção de autoridade e notoriedade que Dona Santa obteve em diversos meios sociais de Recife, é preciso que se formulem alguns questionamentos relativos a gênero e poder. Segundo Guillen:

¹⁰ BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Periódicos UFSC, s.d.p., p.459-460. Disponível em: <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/>. Acesso dia 04/07/17.

Quando o marido de Dona Santa, Vitorino, foi escolhido para ser rei do Elefante, Dona Santa teria renunciado ao "cetro" do Leão Coroado para acompanhá-lo. No levantamento documental efetuado nos jornais das décadas de 1920 e 1930, quase nenhuma referência se encontra sobre a rainha, até a morte de seu marido. Ao contrário, na documentação policial, Vitorino se apresenta como ditador perpétuo do Elefante! Nós só a encontramos no comando do Elefante no final da década de 1930, e é como presidenta do maracatu que se apresenta às autoridades policiais, conforme consta no prontuário do Elefante no DOPS. Portanto, Dona Santa ganha visibilidade num determinado período da história da cultura afro-descendente no Recife que não se pode deixar de considerar.¹¹

O primeiro questionamento diz respeito à relação de Dona Santa e seu marido Vitorino. Até que ponto o falecimento de seu marido seria uma espécie de “libertação” da rainha, já que agora poderia assumir complemente a nação Elefante? Até que ponto Dona Santa respeitava as “ordens” do marido? Durante a entrevista de mestre Fabiano pode-se perceber que Dona Santa, mesmo em tempos de vida de Vitorino, não era uma figura secundária dentro da nação, no sentido que só faria o que lhe fosse permitido. Pelo contrário, já vinha se mostrando como liderança espiritual da nação. E, após a morte de seu marido, se apropriou de um lugar que não lhe era estranho, tornando-o “O” lugar, para “A” rainha, consolidando sua posição.¹²

Outro questionamento se faz acerca do contexto em que Dona Santa ganha visibilidade na cena recifense. Tem-se que, após o controle higienista e social do século XX em Recife, além da especulação imobiliária e projeto de modernização da cidade, articulado principalmente por Agamenon Magalhães, as sedes dos maracatus-nação foram empurradas para zonas periféricas e a maioria das manifestações culturais era encontrada em cenas de conflitos e repressões.

Na grande maioria das vezes, os donos do poder não livravam sua visão das lentes escuras moldadas no eurocentrismo, e, portanto, “não conseguiram penetrar

¹¹ GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Dona Santa, rainha do maracatu: memória e identidade no Recife. Cadernos de Estudos Sociais; Recife, v.22,nº1, p.33-48, jan. 2006, p.36.

¹² Entrevista com Fabiano da nação Elefante. Peixinhos/ Olinda. Maio de 2017.

muito além da superfície das palavras, sensibilidades e visões africanas.”¹³ O carnaval, maracatu, afoxé e xangô encontravam-se no epicentro da discussão política e moralista que determinava o controle dos “incivilizados” e regras e normas de um carnaval para um cortejo aceitável.

Ao mesmo tempo, intelectuais e antropólogos, como Gilberto Freyre, opunham-se a tantas regras e determinações

[...] em favor de um carnaval "espontâneo" e popular, raiz da "autêntica" cultura pernambucana. Além disso, questões que buscavam a definição do que seria ser nacional, ou qual seria a verdadeira identidade brasileira estavam como pano de fundo. Em meio a essa diversidade e disputas, alguns mediadores culturais tiveram papel destacado na construção de uma identidade cultural que preservasse espaço para as manifestações afro-descendentes. E Dona Santa foi, sem dúvida, uma delas.¹⁴

A partir das mídias, jornais, fotografias, entrevistas, ideias que intelectuais divulgavam e homenagens que a rainha recebeu, pode-se pensar que as representações sobre Dona Santa mostravam uma rainha que soube como construir seu lugar em meio ao diversificado debate sobre o que da cultura negra deveria ser “tradicional” em Pernambuco e o que deveria ser regional de Recife.

Junto a sua nação Elefante, formou e consolidou a cultura maracatuzeira entre as décadas de 1940 e 1960,

(...) formando batuqueiros, a exemplo do senhor Aprígio, também morador do Alto Santa Isabel. Aprígio, em suas memórias, pouco se lembra de Dona Santa, mas o Elefante marcou sua vida: ‘Eu nasci em Ponto de Parada, junto do Maracatu Elefante. Dona Santa era minha madrinha de batismo mesmo. Ela andava no jipe. E a pessoa que andava com o lampião era eu, era pequenininho. Eu batia

¹³SLENES, Robert W. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP, s/d, p.49.

¹⁴GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Dona Santa, rainha do maracatu: memória e identidade no Recife. Cadernos de Estudos Sociais; Recife, v.22,nº1, p.33-48, jan. 2006, p.37.

pequeninho, batia num bombinho desse tamanhinho, aonde eu aprendi a bater maracatu foi no Elefante, com Gobá, Zé Magrinho, um bocado de pessoas que a gente esquece, faz muitos anos né... mas o Gobá era um cara que batia três ilus, ele sozinho. E o bombo mestre era dele, o dono do bombo mestre era ele, sabe. Daí vim pra aqui... ai minha avó saia lá no maracatu, a gente ia sempre pra Ponto de Parada, meu pai, minha mãe e minha avó brincava lá. A gente frequentava o maracatu Elefante.¹⁵

Em tempos de festas, além de reunir sua comunidade em torno da sede da nação no bairro de Ponto de Parada, Dona Santa convidava e abria espaços a membros de diversas manifestações da cultura popular, não somente os maracatuzeiros. Têm-se como exemplo as festas de aniversários do Elefante, as quais ficaram presentes nas lembranças de todos que conheceram a rainha. Todos eram convidados: maracatuzeiros, jornalistas, batuqueiros e músicos. A partir de sua festa, observou-se a habilidade de Dona Santa de criar e estimular redes sociais, tornando, como mediadora cultural, mundos sociais tão distantes mais próximos. Seu aniversário era um dos momentos em que a rainha demonstrava sua autoridade, legitimidade e inserção entre a comunidade e os oriundos da elite.¹⁶

Além disso, utilizou-se da imprensa para demonstrar-se como mestra “tradicional”. Entre 1950 e 1960 garantiu também o diálogo com setores políticos da sociedade de Recife além de voltar às atenções da imprensa para sua nação. O jornal Diário de Pernambuco publicou, entre 1940 e 1969, uma média de cento e setenta matérias que continham notícias, convites, homenagens ou pequenas notas sobre Dona Santa e sua nação.

As festas de sua nação foi por algumas vezes divulgada pela Rádio do Jornal do Commercio, que estava sob responsabilidade do Maestro Guerra Peixe, estudioso que frequentava o Elefante para estudar os arranjos musicais. Ou seja, Dona Santa tinha consciência e noção de como recorrer aos intelectuais, membros da elite ou políticos

¹⁵ Idem.

¹⁶ Depoimento da rainha Madalena para Ronaldo Correia de Brito. “*A rainha sem coroa*”. Revista Continente, Recife. Fevereiro de 2003.

influentes para proporcionar conjunturas favoráveis a ela, à nação e ao maracatu. Essa foi a sua principal característica como mediadora cultural.¹⁷

Além de Guerra Peixe, a rainha despertou interesse também em Lula Cardoso Ayres, fotógrafo renomado da época. Nacionalmente, a rainha igualmente foi objeto de reportagem na revista *O Cruzeiro*, em 1947, fotografada por Pierre Verger, e ter ganhado admiração e estudos da pesquisadora e antropóloga Katarina Real¹⁸ a qual dedicou anos de seus estudos para o carnaval do Recife, destacando as fotografias dos anos finais dos desfiles de Dona Santa.

Katarina Real permeava entre as comunidades maracatuzeiras. Morava no centro de Recife, na Rua Aurora, que permitia fácil acesso e diálogo com os integrantes das manifestações culturais. Sua casa funcionava como um espaço-escritório para a realização de reuniões com a Comissão Nacional do Folclore, por exemplo. Também

¹⁷O termo mediador cultural, já discutido anteriormente, possui um amplo debate na historiografia. Para essa dissertação, considera-se uma mediadora aquela capaz de transitar e dialogar entre dois universos, situando-se no centro de uma extensa rede social, cujas atuações podem redefinir, criar ou reformular identidades. Isabel Guillen considera como mediadores pessoas encarregadas de aproximar a cultura de sua comunidade com a de “elite”. Redefinem identidades, pois acessam novos códigos e os traduzem, aproximando mundos distintos e estabelecendo comunicação. Reginaldo Prandi, partindo de estudos sobre a religiosidade, considera como mediadores culturais do terreiro os chamados *Ogãs* de sala, no geral pessoas mais velhas, consideradas sábias que possuem a função de mediar o contato entre quem incorpora e os orixás. Ver em: PRANDI, Reginaldo. Segredos guardados. Orixás na alma brasileira. São Paulo: Cia das letras, 2005.

¹⁸Katarina Real veio de uma sociedade segregada ao Brasil na década de 1930, numa ocasião rápida, juntamente com seu pai que era da Marinha Americana, o Almirante Forrest Betton Royal. Na década de 1940, concluiu o curso de Artes e Estudos Luso-Brasileiros pela Stanford University e obteve um primeiro contato com a obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. A partir de então, o interesse sobre as culturas negras cresceu, voltando seus olhares às influências africanas na cultura nordestina. Anos depois, vem à Pernambuco. Casou-se no Recife com um norte-americano, mas volta aos Estados Unidos. Lá, trabalhou como apresentadora de um programa da rádio de Stanford o qual transmitia para toda a América Latina edições em português que destacavam músicas regionais brasileiras e entrevistavam pessoas vindas do Brasil. Nesse programa, Katarina Real entrevistou muito e realizou diversos contatos com brasileiros que lhe enviavam trechos gravados de frevos, maracatus e ritmos pernambucanos para serem disseminados no programa comandado por ela. Anos após, por conta do trabalho de seu marido, volta a morar no Brasil, no Pará, e começou a participar das reuniões da Comissão Paraense de Folclore, integrando a comitiva do III Congresso Brasileiro de Folclore. Em Pernambuco, dedicou-se ao estudo da cultura das nações africanas, os maracatus. Tornou-se “abrasileirada” e foi sendo reconhecida como a representante do folclore estadual. Recebeu o título de Cidadã do Recife e chegou a ocupar o cargo de secretária geral da Comissão Pernambucana de Folclore, em meados da década de 1960. Além disso, promoveu uma campanha para a construção do Museu do Carnaval e no Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), ajudou a organizar uma exposição sobre maracatus. Para a Fundaj, doou um enorme acervo fotográfico, algumas das fotografias usadas na dissertação. Para ler mais sobre Katarina Real, consultar: BENJAMIM, Roberto. *The Lady loves Latin America*. In: KATARINA Real: outros carnavais. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 2007; BARBOSA, Virgínia. *Katarina Real*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

fez de sua casa um centro informal, quase “público”, onde representantes e integrantes dos grupos circulavam em busca de apoio e parceria.

Sua relação com os maracatus, e mais especificamente com Dona Santa, foi através do babalorixá Eudes Chagas, fundador da nação Porto Rico do Oriente (antiga Troça Mista dos Reis Ciganos) sob auxílio de sua madrinha de batismo, Dona Santa. Katarina Real acompanhou os últimos anos do reinado de Dona Santa, registrando por meio de fotografias os últimos desfiles da nação Elefante na década de 1960.

Há de se ter em mente que,

[...] imagens, tais como textos, são artefatos culturais. É nesse sentido que a produção e análise dos registros fotográficos, fílmicos e videográficos podem permitir a reconstrução da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto das frentes econômicas e da dinâmica das relações internéticas. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados.¹⁹

Dessa maneira, as fotografias elencadas ajudam-nos a entender a trajetória de Dona Santa como a rainha coroada da nação Elefante. Sua fama rendeu-lhe simpatia, interesse e respeito dos intelectuais recifenses, assim como da elite política que sempre enxergou as culturas negras através do preconceito e da perseguição. Além da visibilidade, foi escolhida para aberturas de diversos eventos, centro de diversas homenagens e estudos e conquistou vitórias em concursos carnavalescos durante o tempo em que esteve como presidente e rainha.²⁰

A efeito de sua popularidade, a nação Elefante e sua rainha eram encontradas em quase todos os eventos de Recife prestigiados pela participação de autoridades e

¹⁹ NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, E. (org). O Fotográfico. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005, p.110.

²⁰ GUILLEN, Isabel C. M. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus nação do Recife, In: GUILLEN, Isabel. C. M. & LIMA, I. M. F. Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2003.

celebridades. Segundo Menezes²¹, a rainha também foi responsável por preservar e reelaborar ancestralidades africanas no Recife ao dedicar-se às práticas de seu terreiro de xangô e prezar pelas práticas antigas dentro da festa, reatualizando memórias sobre os maracatus. Sem contar que se mostrou influente como liderança comunitária, utilizando-se inclusive do maracatu para defender as religiões do povo negro.

Pode-se pensar que Dona Santa assumiu um papel de porta-voz de muitas negras e muitos negros que foram silenciados, reprimidos ou mortos. Viveu e entrou em ação durante as décadas em que obteve atenções. Para a maioria das mulheres negras, a legitimação de espaços tanto na política como na sociedade, se fez através do compartilhamento e das redes solidárias. Dona Santa foi uma dessas mulheres que conhecia e agia através da vida em comunidade, ocupava as ruas “(...) lutando pela sobrevivência. Em um momento em que as mulheres brancas estavam confinadas no espaço doméstico.”²²

Abaixo Dona Santa ornada com vestimenta e insígnias, momento antes de sair em cortejo.

²¹ MENEZES, Lia. *As Yalorixás do Recife*; Funcultura, Recife 2005.

²²Idem. p. 19.



23

Pode-se observar que:

O penteado, a jóia, o pano, o gosto, o cheiro, as escolhas, os ritmos, o som da palavra, do instrumento, a ginga da cintura fazem parte de uma estética afro-brasileira. A expressão desses modos de ser e fazer não está restrita a terreiros de candomblé ou de samba. Está nas ruas, casas, festas, ou nas atividades de todos os dias. Em alguns momentos (as mulheres) assumem papéis de resistência; em outros o de criação de novas identidades.²⁴

Isto significa que as mulheres negras carregam no corpo uma fonte de divulgação da estética afro-brasileira: usam aquilo que produzem e manifestam pelo andar, dançar, vestir, comportar, suas histórias e seus lugares na sociedade. Os corpos que são ao mesmo tempo comunitários, sem limites e voltados à memória e à espiritualidade, constituem-se em suportes da memória e transmissores de valores, imaginários, desdobrando-se em sons e performances, durante os cortejos os quais ocupam as ruas. Ao ocupar, proporcionam ancestralidades através de práticas orais,

²³ “Dona Santa, rainha do Maracatu-nação Elefante, no seu traje amarelo.” Recife, 1961. Foto de Katarina Real. Acervo Fundação Joaquim Nabuco – Ministério da Educação. Recife, Pernambuco.

²⁴ SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Mulheres negras do Brasil. Edição condensada. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013, p.98.

intrínsecas ao corpo que narra e escuta perante performances, ritmos, entonações e gestos.

Foi, principalmente, nas ruas e nos mercados que mulheres marcavam seus espaços em sociedades africanas, e, “então é possível supor que reminiscências dessa tradição estiveram presentes nas estratégias de resistência e sobrevivência desenvolvidas pelas mulheres negras aqui.”²⁵

Dona Santa, como uma dessas mulheres, legitimou seu espaço na rua, principalmente após sua coroação como rainha em 1947. Dessa maneira, as coroações de 1947, 1980, 2003, 2004²⁶ assumem um modo bastante distinto, pois “é possível pensar que tanto nas práticas quanto no universo simbólico as coroações podem significar coisas muito diferentes, dependendo do momento histórico em que se esteja discutindo.”²⁷

Agora as ruas proporcionariam um novo contexto de relações sociais em que ressignificações foram acontecendo de modo a destacar as mulheres (rainhas) nesse ato cerimonial antes dominado pela presença masculina.

Já coroada, Dona Santa precisaria de um rei para acompanhá-la nos cortejos. Abaixo a fotografia apresenta a rainha frente a seu maracatu juntamente ao rei da nação, Antônio, mais conhecido como Toninho.

²⁵ Entrevista concedida por Sueli Carneiro à Revista Cult. Editora Bregantini; edição nº 223, ano 20, maio de 2017, p. 19

²⁶ Segundo Isabel Guillen, somente quatro coroações de rainhas haviam acontecido em Pernambuco até 2006, data da publicação de seu artigo. Para nós é de interesse salientar a de 1947 por ser a de Dona Santa, primeira rainha de maracatu-nação coroada ainda jovem quando fazia parte da nação Leão Coroado. Ao se casar com João Vitorino, um dos fundadores da nação Elefante, afastou-se do Leão Coroado e integrou o novo grupo ao lado de seu marido. Para ler mais sobre coroações, buscar em: Dona Santa, Rainha do Maracatu: Memória e Identidade no Recife. Isabel Cristina Martins Guillen. Cadernos de Estudos Sociais- Recife, v.22, nº1, p.33-48, jan 2006. Disponível em: <file:///E:/PDF%20e%20Doc.%20Word%20Maracatu/Dona%20Santa.pdf>

²⁷ GUILLEN, Isabel C. M. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus nação do Recife, In: GUILLEN, Isabel. C. M. & LIMA, I. M. F. Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2003, p.36.



28

O rei, Antônio, sempre saía em cortejos e a acompanhava, afinal para um maracatu existir precisa também do rei. A rainha não pode nunca sair sozinha.²⁹

Entretanto o destaque, as atenções e o respeito eram dados à rainha. Foi num cenário de remodelações, no qual o destaque a rainha estava se consolidando, que Dona Santa, já coroada como rainha da nação Elefante, iniciou um legado que a consagrou como símbolo de realeza, de poder sagrado e liderança temporal, reconhecida pelos integrantes da sua nação e por muitos outros grupos existentes na época.

Em meio a legitimações e enquadramentos em ser “A” rainha, ou “A” sacerdotisa, Dona Santa assumia um papel de mediadora cultural: uma rainha, ialorixá, e acima de tudo a líder comunitária que soube constituir redes de sociabilidades para garantir seu reconhecimento e participação na comunidade maracatuzeira.

Pelas ruas do bairro de Ponto de Parada ao centro do Recife, Dona Santa recriava o mundo e representações sobre ele através de comandos de orixás. Repartia a força sagrada; nutria os deuses; emprestava-lhes seu corpo, sua dança, sua voz; Rompia os limites fixados pela territorialização do poder dominante. Através das festas dos maracatus renovava a força e a transmissão dos saberes ancestrais; através da dança e da

²⁸ “Dona Santa, rainha do Maracatu Elefante, e o rei, na sede do Maracatu-nação Elefante.” Recife, 1961. Foto de Katarina Real. Acervo Fundação Joaquim Nabuco – Ministério da Educação. Recife, Pernambuco.

²⁹ Entrevista com Fabiano, mestre de percussão do Maracatu Elefante. Pesquisa de campo, Olinda, maio de 2017.

música, dos cortejos, permitiam-se a simulação de outras identidades como forma de comunicação.

Sua importância está além do tempo passado. Em conversa com maracatuzeiros³⁰, observou-se o relato sobre a importância das mulheres dentro dos maracatus, a partir da presidência de Dona Santa, ressoando na ideia que coloca numa posição destacada por possuírem a dimensão da vida, do mundo, e saberes sobre a condução da nação.

Hoje, em Recife, ser rainha é ser soberana. É ter o poder de convidar todos para a festa do cortejo, assim como fazia Dona Santa. É chamar a princesa, a condessa, a imperatriz, a baiana. A rainha é quem comanda. Vem embaixo da sombrinha destacando sua posição. Sem ela não há maracatu.³¹ Ser rainha é também um trabalho de responsabilidade. Quem deve cuidar de maracatu são as mulheres. Senão, ele só anda para trás.³²

Dona Santa cuidou de sua nação por mais de quinze anos. Ao que tudo indica, conseguiu reunir todas as funções de rainha e ialorixá perante sua comunidade, assegurando a realização da festa, garantindo a correção dos ritos, transmitindo conhecimentos e consagrando filhas, filhos, netas e netos de batismo.

Dessa maneira, Dona Santa foi uma das responsáveis pela construção de uma identidade cultural comum³³ em Recife, ligada a aspectos de uma cultura negra. Pode-se ser lembrado em papel semelhante de mediador, neste caso proveniente da Zona da

³⁰ Entrevista realizada em Olinda, com o mestre de percussão Fabiano e a rainha Maria das Neves, ambos da Nação Elefante. Pesquisa em campo, maio de 2017.

³¹ Conversa informal realizada com a rainha Elda, da Nação Porto Rico, após um cortejo pelas ruas do Recife Antigo. Pesquisa em campo, novembro de 2016.

³² Conversa informal realizada com a rainha Marinalva, da Nação Estrela Brilhante, após um cortejo pelas ruas do Recife Antigo. Pesquisa em campo, novembro de 2016.

³³ A preservação e reelaboração das identidades afro-brasileira pelas ialorixás e demais membros do terreiro de Xangô consistem no resgate dos valores negros como forma de conservar, formar ou recriar identidades comuns. Para Kabengele Munanga, quando cita Cheikh Anta Diop, a identidade cultural comum requer a existência de três componentes: “(...) o histórico, o lingüístico e o psicológico. O histórico é o mais importante, pois constitui o cimento que une os elementos diversos de um povo, através do sentimento de continuidade vivido pelo conjunto da coletividade. O essencial para cada comunidade é reencontrar o fio condutor que liga o seu passado ao ancestral para dele retirar o benefício moral necessário para reconquistar o seu lugar no mundo moderno.” (DIOP, 1968, p.45)

Mata norte de Pernambuco, Mestre Salustiano³⁴, que entre as décadas de 1980 a 2000 atuou pela visibilidade e sustentabilidade das comunidades e manifestações culturais, principalmente os maracatus.

Já com saúde debilitada, e desfilando em tempo reduzido, em 1962, Dona Santa falece. Os materiais de cortejo e religiosos da nação Elefante foram levados ao Museu da Prefeitura, onde por muito tempo ficaram esquecidos, e posteriormente transpostos ao Museu Homem do Nordeste, o qual pertence à Fundação Joaquim Nabuco.

A partir de então, a rainha ganha mais homenagens e lembranças. Seu centenário de nascimento foi comemorado³⁵ através de homenagens e festas e a reativação³⁶ de sua nação Elefante foi concretizada no início da década de 1980.

Dona Santa foi um exemplo de protagonismo e liderança. Manifestava, a todo o momento, práticas de resistência ao demarcar um território negro a partir de conflitos e negociações diversas. Através de seus cortejos, ocupou a cidade de Recife, garantindo a festa, não só para os expectadores, mas acima de tudo dando estímulos a sua comunidade para brincar, mesclar o lugar simbólico com o concreto, reavivar interesses, reelaborar, recriar ou transformar identidades e práticas culturais, expressar sociabilidades, destacar performances e ritmos, relativizando o tempo, ou seja, viver.

Não é difícil entender que a cultura é a energia vital que produz significado à existência dessas mulheres. Suas múltiplas histórias através de divergentes ou convergentes caminhos concentram-se em desejos e enfrentamentos semelhantes e “querem se fazer presentes em seu tempo e conquistar o seu espaço.”³⁷

Através do maracatu, Dona Santa brincou, construiu e sociabilizou, através de embates, encontros e desencontros.

³⁴ Ver mais em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=700

³⁵ O carnaval de 1977 marcou o centenário de nascimento de Dona Santa, motivo que levou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais a prestar homenagem a sua memória através de uma exposição sobre a coleção Maracatu Elefante, cujo acervo pertence a este Instituto.

³⁶ A atual nação Elefante, não possui relações diretas com a antiga nação.

³⁷ SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro. Sem elas não haveria carnaval: mulheres do carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011, p.24.

Bibliografia

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Periódicos UFSC, s.d.p., p.459-460. Disponível em: <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/>. Acesso dia 04/07/17.

BENJAMIM, Roberto. The Lady lovesLatinAmerica. In: KATARINA Real: outros carnavais. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 2007.

BRITO, Ronaldo Correia de. A rainha sem coroa. *Continente Multicultural*, Recife, ano 3, n. 26, p. 76-77, fev. 2003.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. Colección INPSO Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. Instituto de Pesquisas Sociais, FUNDAJ, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco, 1995.

GUERRA PEIXE, César. Maracatus do Recife, São Paulo: Irmãos Vitale, 1981.

GUILLEN, Isabel; LIMA, Ivaldo Marciano. Cultura Afro descendente no Recife: Maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2003.

_____. Dona Santa, rainha do maracatu: memória e identidade no Recife. *Cadernos de Estudos Sociais*; Recife, v.22,nº1, p.33-48, jan. 2006.

MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MENEZES, Lia. As Yalorixás do Recife; Funcultura, Recife 2005.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, E. (org). O Fotográfico. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

OLIVEIRA, Gilka Corrêa de; SILVA, Maria Regina Martins Batista e. *Exposição centenário de Dona Santa*. Recife: IJNPS, 1977

PRANDI, Reginaldo. Segredos guardados. Orixás na alma brasileira. São Paulo: Cia das letras, 2005.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SCHUMACHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital. Mulheres negras do Brasil. Edição condensada. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

SLENES, Robert W. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP, s/d.

SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro. Sem elas não haveria carnaval: mulheres do carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.

SILVA, Maria Regina M. Batista e. *Dona Santa*: rainha do Elefante. Recife: Fundaj, Inpso, Centro de Estudos Folclóricos, 1976. (Folclore, 2).

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. A forma social negro-brasileira. Petrópolis, Vozes, 1988.